

# Diversão & Arte

Última devassa na vida do imperador

OBRA AMBICIONADA PELO MESTRE **STANLEY KUBRICK**, A CINEBIOGRAFIA DE **NAPOLEÃO** RENDE UM EXCEPCIONAL FILME, SOB OS TALENTOS DO DIRETOR **RIDLEY SCOTT** E DO ATOR **JOAQUIN PHOENIX**

» RICARDO DAEHN

Há arte nas estratégias bélicas — ainda que seja no caso do talento do cineasta Ridley Scott em retratar a controversa figura do lendário Napoleão Bonaparte, criado sob a magnitude de mais uma inspirada interpretação de Joaquin Phoenix. Até a cinematográfica queda de seu corpo, no exílio na ilha de Santa Helena (um terreno britânico), que faz par (visual) com a dos protagonistas de *O poderoso chefião 3* (1990) e *Morte em Veneza* (1971), muitas vidas serão perdidas na tela. Entre as mais de 60 batalhas que comandou, com a meta de repaginar o trono francês e restabelecer a ordem social (ainda que com infinitas arestas), o militar intitulado imperador esteve envolvido em mortes contabilizadas em milhões.

Baionetas, canhões e outros armamentos, eram os instrumentos do comandante audaz, vindo da Córsega e que batalhava junto da tropa, num corpo a corpo extremamente bem coreografado e captado pelas lentes do diretor de fotografia polonês Dariusz Wolski (presente em obras definitivas como *Sicário* e *Perdido em Marte*). Quase tornado carismático, guardado o exagero, a cada estudado gesto de Phoenix, o general tem a vida devassada e bem-posta, incluída a vida íntima.

O mesmo homem que dissolve insurreições à base de canhões contra populares e que treinou militares indisciplinados é mostrado como alguém inseguro, insano e apaixonado na humanizada visão de Scott. Entre os amores definitivos — a França, o Exército e Josefina,



papel que, no cinema, coube a Vanessa Kirby. A futura esposa, nascida na Martinica, responde pelo incêndio no dia a dia de Napoleão, esvaziado de maiores emoções (descontadas as dos teatros de guerra). Entremeadando a desesperada busca por um herdeiro, Napoleão, à distância da mulher, se mostra alguém desesperado por amor, que ele pretende ver consagrado em cartas a serem redigidas pela esposa. O governante chega a clamar por correspondências dela.

Mesmo depois da aberta traição de Josefina com Hypolite Charles (Jannis Niewöhner), quando das malas postas à porta do palácio, fica patente a extensão da relação doente. Tachada de “criatura, porca e egoísta”, Josefina é capaz de arrancar um “não sou nada sem você” do marido, tão imediatamente descobertos os casos extraconjugais.

Visto como companhia constrangedora e como sujeito bronco, vale ressaltar que o estadista viveu o período em que a guilhotina era a mais afiada palavra final. Numa cena impressionante, situada em 1793, Maria Antonieta é decapitada por desvalorizar o tesouro nacional, beneficiar Estados inimigos e trazer insegurança para os franceses. A violência

pega todos os espectadores desprevenidos, em momentos como o do cavalo, todo estilizado, no cerco de Toulon.

Os objetivos militares das tentativas de tomar Moscou e São Petersburgo, no cinema ganham magnitude relevante, a exemplo da Campanha do Egito, quando Bonaparte cita traços (em si) de César e de Alexandre, o Grande. Entre a conspiração com fantasiosas renúncias ao poder de integrantes do chamado diretório (quando o futuro imperador cavou o posto de primeiro cônsul), tudo ao ritmo caritunescos, é hilário ver Napoleão “ouvindo” conselho de múmia.

Noutro ponto absurdo (e irônico) do roteiro, que confirma insanidades do biografado, há tiradas como “(Eu) não sou ambicioso” e a tentativa (dele) “aceitar o fracasso do outro”. Até a determinação de seu exílio, a 1,6 mil quilômetros da costa africana, Napoleão impressiona com vistosas cenas como a da autocoroação, sem a menor pompa ou solenidade, em 1804, e a da prisão em Plymouth, além das seqüências de desafio ao “jovem popular e vaidoso” czar da Rússia Alexandre I (papel do ator franco-finlandês Edouard Philipponnat).



MOSTRA

## Há liberdade audiovisual, no CCBB

A maior mostra de cinema alternativo, independente de duração de obra ou de suporte em que foi produzida. Assim é a Mostra do Filme Livre, que completa 20 anos e chega à capital com programação gratuita no CCBB. É uma ponte para debate da produção nacional que, curiosamente, hoje também ganha visibilidade com a mostra A Cinemateca é Brasileira. Será no Cine Brasília (EQS 106/107), de graça, com sessões até 5 de dezembro e filmes fundamentais como *Cabra marcado para morrer*, *O pagador de promessas*, *Limite* e *Central do Brasil*.

De volta ao CCBB e à Mostra do Filme Livre, vale dizer que o evento reúne 160 títulos e nasceu para difusão de filmes caseiros ou criados em pequenas produtoras. “Se faziam filmes em vídeo ou 16mm, mas havia dificuldades de exibição diante da escassez de eventos interessados por eles. O digital e vídeo chegaram ‘quebrando tudo’, para sorte de quem gosta de audiovisual. Vingou a máxima que criamos: ‘Se cinema é cachoeira, vídeo é

arrebenção”, celebra o criador da MFL, Guilherme Whitaker.

Na leva de filmes, ele conta que há *Mostrinha Livre*, com títulos infanto-juvenis. “Há, no pacote, um curta de animação feito por crianças de escolas públicas (Memórias da infância) e outro criado por um indígena (Cem Pilum — A história do dilúvio). Noutra sessão, a Biografemas, seguimos conceito de Roland Barthes, em que ações artísticas extrapolam o campo da biografia. Nesse segmento estará *A jornada do Valente*, sobre Assis Valente (ilustrador e compositor) e o longa *O cangaceiro da moviola*, em torno do montador de cinema Severino Dadá”, conta Whitaker. Com filmes de até cinco minutos, Pfulas também gera interesse. “Serão 17 curtas numa sessão que traz cineastas já tarimbados na mostra, como Sávio Leite, Leonardo Catapreta, Arthur B. Senra, Mari Bley e Marcio Vaccari”, aponta. Na *Cabine Livre*, filmes experimentais (em looping) ganham espaço genuíno na MFL Brasília.

O premiado diretor Pedro Coelho Xavier (de *Presente*) se surpreendeu com o “amor

WSET Multimídia



Curta Fantasma Neon: presente na 20ª Mostra do Filme Livre

e carinho” demonstrado pela menção honrosa na mostra, em que foi destacado ainda pela votação popular (entre dezenas de filmes). “Vi tudo com muita alegria”, disse. Até 23 de dezembro, a MFL acopla

programação e, como oficina comandada por Marina Mara. “Há adaptações de linguagens a todos os públicos, principalmente junto àqueles que precisam de acessibilidade. O celular será uma ferramenta

importantíssima para fazermos os filmes que serão exibidos no encerramento do evento. A partir de aplicativos gratuitos, os participantes conseguem filmar, legendar, ordenar a trilha sonora e, o melhor de tudo,

incluir a transcrição em libras”, comemora Marina.

Com essencial público participativo, o premiado *Brasil, 1977* (de Felipe Kusnitzki), como diz o diretor, “nasce da vontade de trazer luz à importância da memória cultural do Brasil, em especial, do nosso acervo audiovisual”. O filme foi feito em 2021, no auge da pandemia da covid-19. “Construímos uma ficção-documental em meio a sucessivas retiradas de direitos da população brasileira e dos ataques à nossa cultura”, demarca, ao falar do título distópico.

Discussão será ponto de partida para Walter Fernandes Jr. que, ao lado do jornalista Ulisses de Freitas, debate a produção de títulos como *A estratégia da fome* (inspirados no Cinema Novo e na produção nacional marginal), hoje, às 19h. Walter atenta para a banalização da miséria e da fome. “Cito o texto do Glauber Rocha, A estética da fome, em que ele afirmava que a ‘nossa originalidade é nossa fome e nossa maior miséria é que esta fome, sendo sentida, não é compreendida’, adianta Walter Fernandes Jr. (RD).